**Rio está mal no ranking**
*Jaqueline Porto*

Ambas são conhecidas por suas belas praias e pela vocação turística, entre outras semelhanças que aproximam Florianópolis e Rio de Janeiro. Uma diferença, no entanto, foi revelada pela pesquisa Pagando a promessa do microcrédito, da Fundação Getulio Vargas (FGV): enquanto a primeira é considerada a capital com o maior percentual de empreendedores bem sucedidos, o Rio de Janeiro amarga o 14º lugar. Coordenador do estudo, o economista Marcelo Neri aponta o que a capital fluminense pode aprender com a experiência catarinense, mas diz que é preciso urgentemente um "choque de progresso" para elevar a qualidade do empreendedorismo da Cidade Maravilhosa.

Neri chegou ao resultado, cruzando dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, edição 2007) com pesquisas mensais de emprego do ano 2009, ambas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O desempenho empresarial nas 27 capitais do País detectou que as maiores proporções de empreendedores bem sucedidos estão nos municípios de Florianópolis (93,8%), Curitiba (92%) e Vitória (90,2%). Na ponta oposta, estão a capital do Amapá, Macapá (8,7%), São Luís do Maranhão(8%) e a capital de Roraima, Boa Vista (5,2%). O Rio de Janeiro, com 74,88%, aparece em quarto lugar, atrás ainda de Porto Alegre (87,28%), Goiânia (86,52%), São Paulo (83,34%) e Belo Horizonte (82,62%).

Para enfatizar a questão da qualidade, a equipe se baseou no fator da renda mensal atingida, o que fez a capital de Santa Catarina liderar o ranking. "O conceito de classe foi um critério usado exatamente para diferenciar o empreendorismo de subsistência (quando a pessoa se torna micro empresário porque está desempregada), ou seja, consideramos aqueles que se tornaram empresários com condições de viver relativamente bem do próprio negócio.

No ranking de qualidade, Florianópolis destaca-se por questões históricas e sociais, na avaliação do pesquisador. "Observamos que a Região Sul, como um todo, tem como vantagem a própria história de imigração europeia, por ter um nível mais alto de educação, pela predominância da pequena propriedade rural e dos pequenos negócios urbanos. A soma destes fatores cria uma menor desigualdade social e abre mais possibilidade de geração de renda. A cidade tem progredido nesse sentido nos últimos anos", acrescenta Neri.

O presidente da Associação Comercial e Industrial de Florianópolis, Doreni Caramori Júnior, destaca que a força do empreendorismo da capital está no setor de serviços. "Florianópolis é marcada pela indústria de serviços, principalmente a ligada ao turismo. Existem muitas pequenas empresas atuando nesta frente", explica.

**Cadeia virtuosa**

Entre os pontos positivos detectados pela pesquisa, está a chamada "cadeia virtuosa da economia", ou seja, pequenos e médios empreendedores prestando serviços e produzindo para grandes empresas, que por sua vez exportam ou abastecem o restante do mercado interno nacional.

"As grandes empresas que atuam no Sul do País – como a Perdigão e a Sadia – se alimentam, muitas vezes, da produção dos pequenos negócios e existe uma malha bastante interessante relacionada a isso. Essa visão do pequeno empreendedor conectado ao grande, que por sua vez abastece o mercado externo, faz parte do capital social da região. Isso é possível levar para outros estados", avalia Neri.

O pesquisador da FGV aponta que, apesar de o País ter boas políticas de benefício às grandes empresas, pouca coisa é feita para os pequenos e microempreendedores, no geral. Neste sentido, parte do desenvolvimento é atrelada à iniciativas de entidades regionais. No Sul, isso é posto em prática constantemente, o que faz toda diferença, pois cria uma estrutura de prestação de serviços e orientação aos pequenos empresários.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

Para o presidente da Associação Comercial, a busca pela qualificação constante dos pequenos e micro empresários agrega qualidade e impacta diretamente na economia. “O estado tem ferramentas de estímulo ao empreendedorismo, como cooperativas de crédito e bancos de microcrédito. Obviamente, também buscamos iniciativas que gerem competitividade, como cursos de capacitação gerencial e parcerias para prover soluções com menor custo, por meio de convênios com universidades e outras instituições”.

A estrutura tributária também ajuda: “Recentemente, conseguimos a redução do ICMS de 25% para 7% para alguns setores”, destaca Caramori Júnior.

**Informalidade**

Se estruturas sociais e políticas públicas justificam a qualidade do empreendedorismo de Florianópolis, também explicam o mau desempenho do Rio de Janeiro.

A pesquisa observa que, apesar disso, existem pontos positivos na economia carioca.

“O Rio tem uma população bastante educada, mas está perdendo dinâmica e entrando em um processo de decadência contínua. Simplesmente, a cidade está perdendo espaço e fatores importantes para o funcionamento da economia vão deixar de existir daqui a um tempo, como o petróleo e a existência de uma população expressiva de servidores públicos aposentados. O turismo e a cultura são forças, mas não creio que apenas isso poderia resolver”, lamenta.

O pesquisador destaca algumas vantagens que o Rio pode se valer para mudar o atual cenário. “A cordialidade entre os poderes municipal, estadual e federal, apesar de ser um fator de continuação indefinida, é positiva. Seria um bom momento para promover o avanço do microempreendorismo adotando o que o pesquisador chamou de “choque de progresso” a formação de uma agenda pontual voltada para o estímulo aos pequenos negócios.

“O que acho mais complicado solucionar é a questão da informalidade. As leis de incentivo (Lei do empreendedor indivivual e o Simples) estão no caminho certo, apesar dos percalços. Porém, falta um choque de progresso relacionado à vitalidade do setor privado, com ênfase no microcrédito. As pessoas querem trabalhar, mas formalizar tem o lado ruim que é pagar muito imposto e ficar exposto perante o Estado. Não adianta usar o ‘porrete’ para sair da informalidade, é preciso ter uma agenda positiva que cuide do setor privado como um todo, desde o empresário até o vendedor de rua”, afirma.

**Crédito**

Em relação à precariedade de linhas de crédito para o microempresariado, o pesquisador explica que o modelo ideal para o Rio de Janeiro está mais próximo do que é aplicado no Nordeste do que no Sul, a exemplo do que já vem acontecendo com a expansão dos programas CrediAmigo, associado ao banco do Nordeste.

“É um ponto interessante trazer programas de microcrédito de uma região estigmatizada pela pobreza. O Rio tem muitos problemas encontrados em outros estados, mas as soluções adotadas no Nordeste tendem a ter maior eficiência aqui”, acredita.

**Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 3 ago. 2009, Seudinheiro, p. B-14.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais